



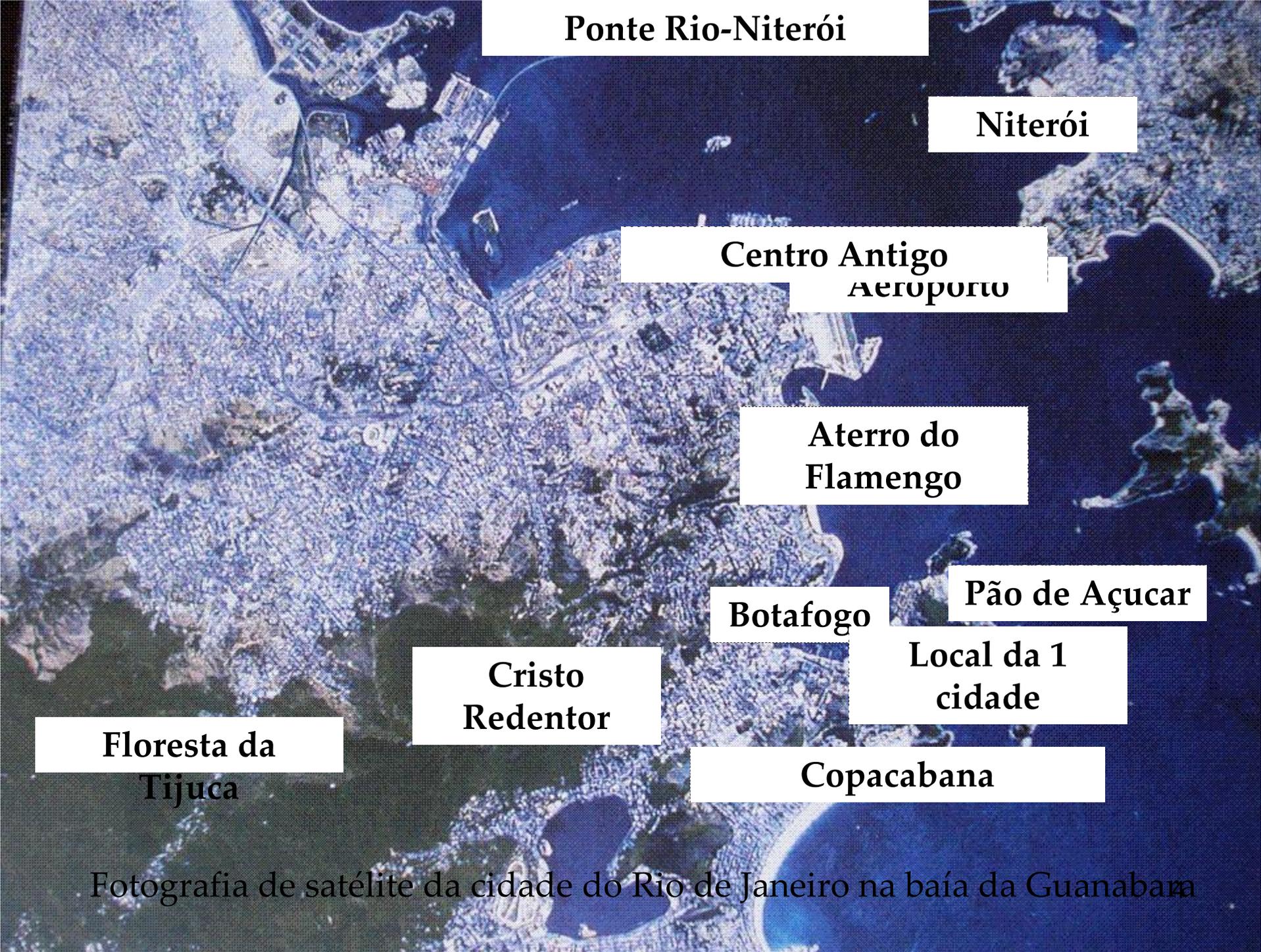
Rio de Janeiro

Período Colonial - Barroco

Prof. Dr. Percival Tirapeli
Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes
Simpósio Internacional em Salamanca. Espanha, 2006.



Vista do Cristo Redentor e lagoa Rodrigo de Freitas



Ponte Rio-Niterói

Niterói

Centro Antigo
Aeroporto

Aterro do
Flamengo

Botafogo

Pão de Açúcar

Cristo
Redentor

Local da 1
cidade

Floresta da
Tijuca

Copacabana

Fotografia de satélite da cidade do Rio de Janeiro na baía da Guanabara



Aterro do
Flamengo

Aeroporto

Antigo Morro
do Catelo -
Jesuítas
Paço Imperial
e Carmelitas

Franciscanos

Avenida
Presidente Vargas

Porto

Candelária

Beneditinos

Ilha das
Cobras

Porto

Maquete do centro antigo

Descoberto em 1 de janeiro de **1504**, foi cobiçada pelos franceses e reconquistada pelos portugueses. **Guanabara** significa *Lagamar* - palavra de origem indígena *guá-ná-pará*



Urca e
Pão de
Açúcar

Aterro do
Flamengo

Lagoa de
Freitas

Corcovado

Gávea

Glória

Catete

Os franceses na Baía de Guanabara



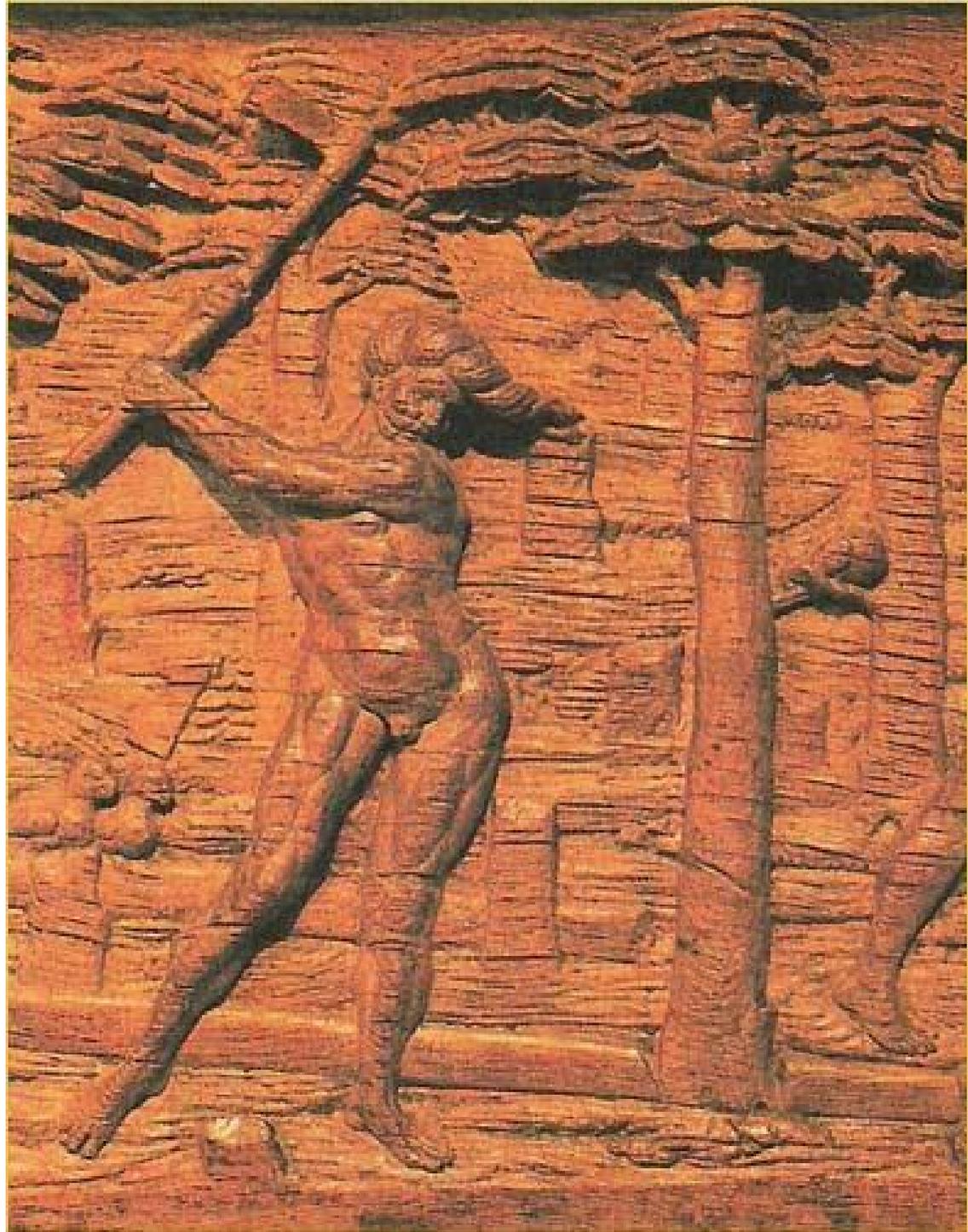
Os franceses comercializavam o pau-brasil – origem do nome *Brasil*.
Em 1555 Villegaignon fundou a França Antártica com calvinistas e católicos,
que foram expulsos por Mem de Sá e Estácio de Sá em 1559.

São Sebastião do Rio de Janeiro

Fundada por Estácio de Sá, Mem de Sá e o jesuíta Manoel da Nóbrega com ajuda do índio Araribóia.

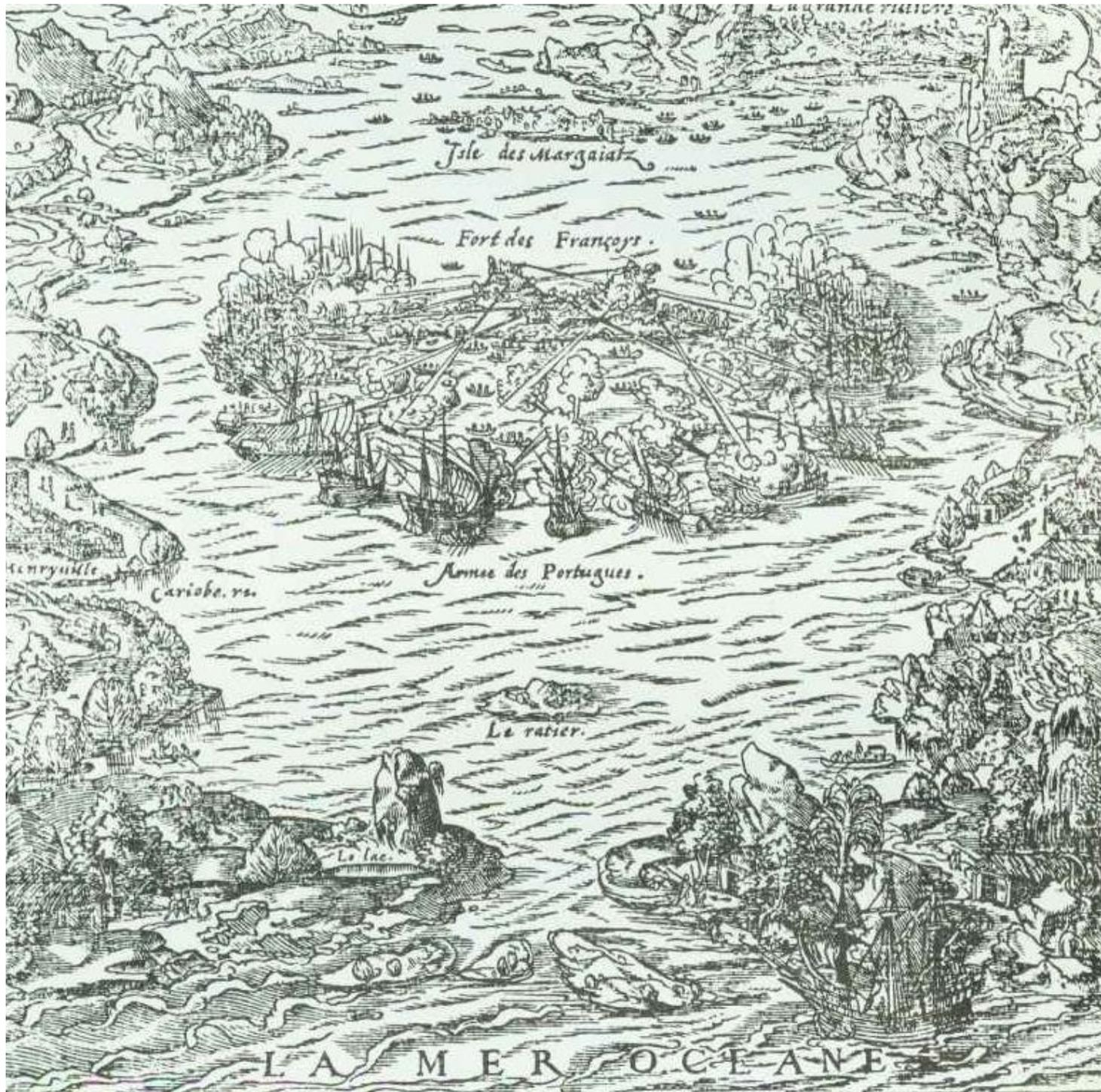
Na literatura, obras do católico franciscano André Thevet (1503 - 1590), do protestante Jean de Léry, ao lado de alemão Hans Staden nos anos 1557.

Corte do Pau-brasil.
detalhe do relevo L'Isle du
Brésil, em Rouen.



França Antártica, 1570.

Luta entre
franceses
e portugueses





A fundação da cidade

A cidade é implantada sobre uma acrópole com fortaleza e colégio jesuítico, o Morro do Castelo. Beneditinos se estabelecem no Morro de São Bento, e os franciscanos no de Santo Antônio. Na cidade baixa, junto ao porto, os carmelitas.

Entre o mar e a montanha: as águas e a floresta.

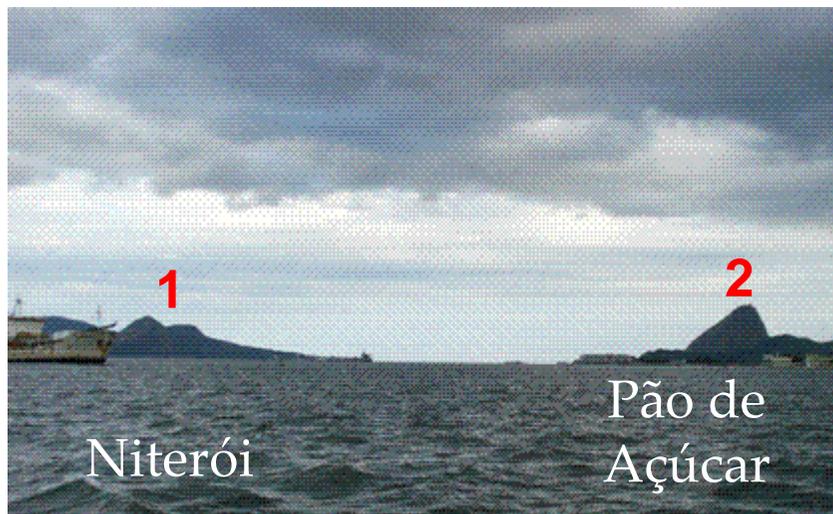
Pão de Açúcar,
395 m

Corcovado,
704 m

A vocação à beleza da denominada cidade maravilhosa advém de sua posição geográfica entre as águas da Guanabara e as montanhas da floresta da Tijuca. Os morros são: o Pão de Açúcar, 395 m, o Corcovado com o Cristo Redentor, 704m, a Pedra da Gávea, 842m. e o pico da Tijuca, 1.020m.

Rio Genero – Reysboech - 1624

Destaca a entrada da Baía da Guanabara, com rochedos, guardada por duas fortalezas e a pequena vila sobre o morro do Castelo.



A amplidão da Baía da Guanabara, suas ilhas e rochedos, a entrada guardada pelos fortes ao lado do Pão de Açúcar, a vila entre a fortaleza de São Tiago e o convento dos beneditinos, o porto.





Morro do Castelo visto da Baía da Guanabara, séc. XIX.

Passeio Público - Mestre Valentim

Fonte dos Jacarés e obeliscos ao gosto neoclássico no final do século XVIII construído sobre as lagoas e riachos.





Jogo de Capoeira ou La Danse de la guerre.
John Moritz Rugendas, 1835

Atual Praça XV

Traços da cidade colonial

O Palácio dos Governadores
na praça que passou a
chamar-se
Paço Imperial durante o
século XIX e depois Praça XV
em memória da proclamação
da República.
Um monumento solitário das
cidades colonial e imperial.





Portal do Paço Imperial



18
Chafariz de Mestre Valentim

Vocação política

1607 o governo geral era composto por Bahia e Rio.

1641 após a restauração da coroa portuguesa, regalias portuárias como as do Porto e Lisboa.

1676 torna-se sede episcopal.

1700 porto de escoamento do ouro de Minas Gerais.

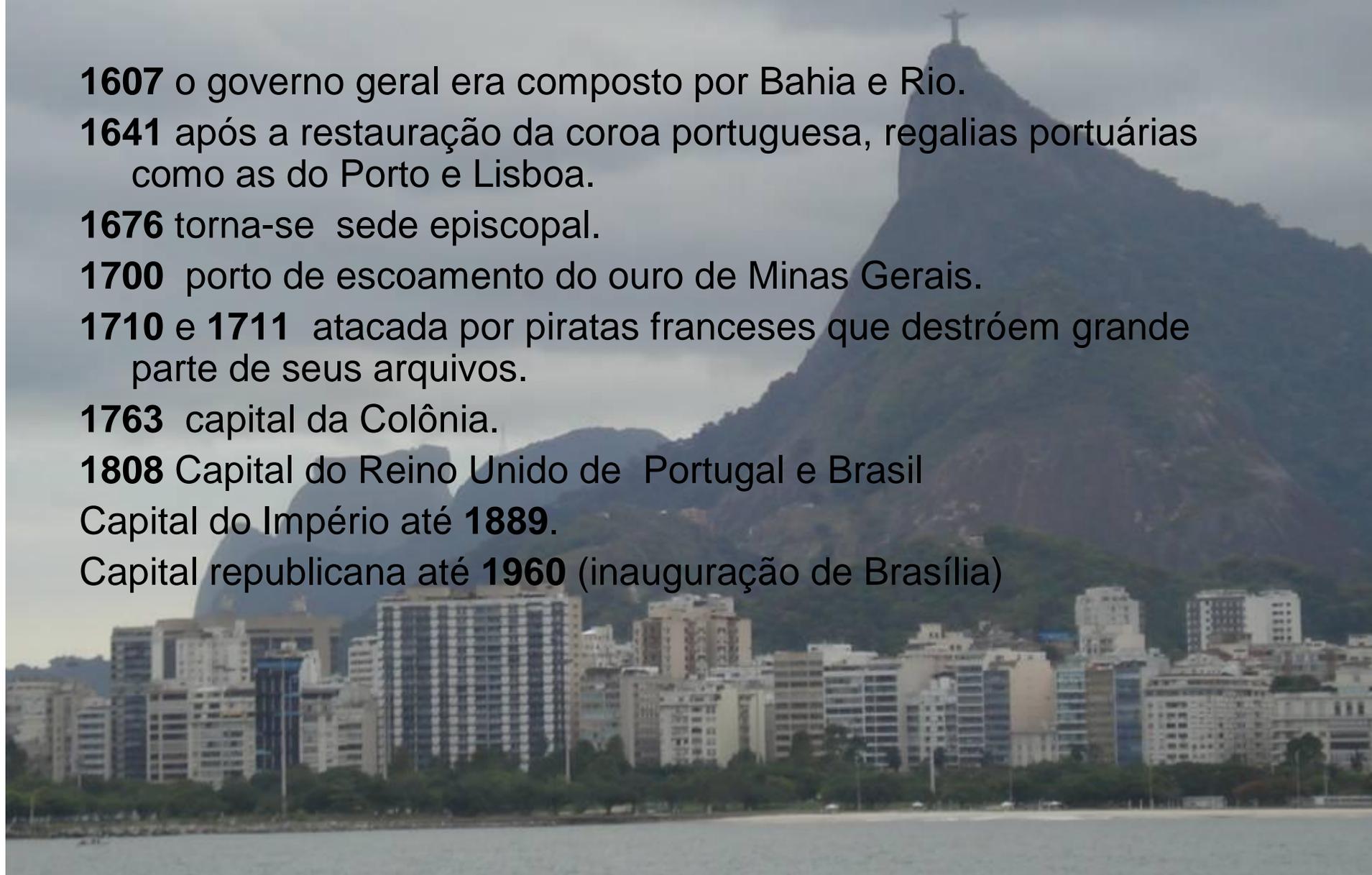
1710 e 1711 atacada por piratas franceses que destróem grande parte de seus arquivos.

1763 capital da Colônia.

1808 Capital do Reino Unido de Portugal e Brasil

Capital do Império até **1889**.

Capital republicana até **1960** (inauguração de Brasília)



Retábulos jesuíticos



Retábulos maneiristas da igreja jesuítica do morro do Castelo.

Mosteiro de São Bento Francisco Frias de Mesquita.



Fachada austera (1617-1669), com 2 torres de acabamento piramidal ladeando o triângulo frontão retilíneo; abaixo os três arcos da galilé e janelas do coro.



Ornamentação interna

Frei Domingos da Conceição
e Inácio Ferreira

Ordem 3a de São Francisco Manoel de Brito e Francisco Xavier de Brito



A obra pictórica de Caetano da Costa Coelho (1739) inicia no sul do Brasil a pintura em perspectiva.







Igreja da Glória.
Leandro Joaquim, 1790

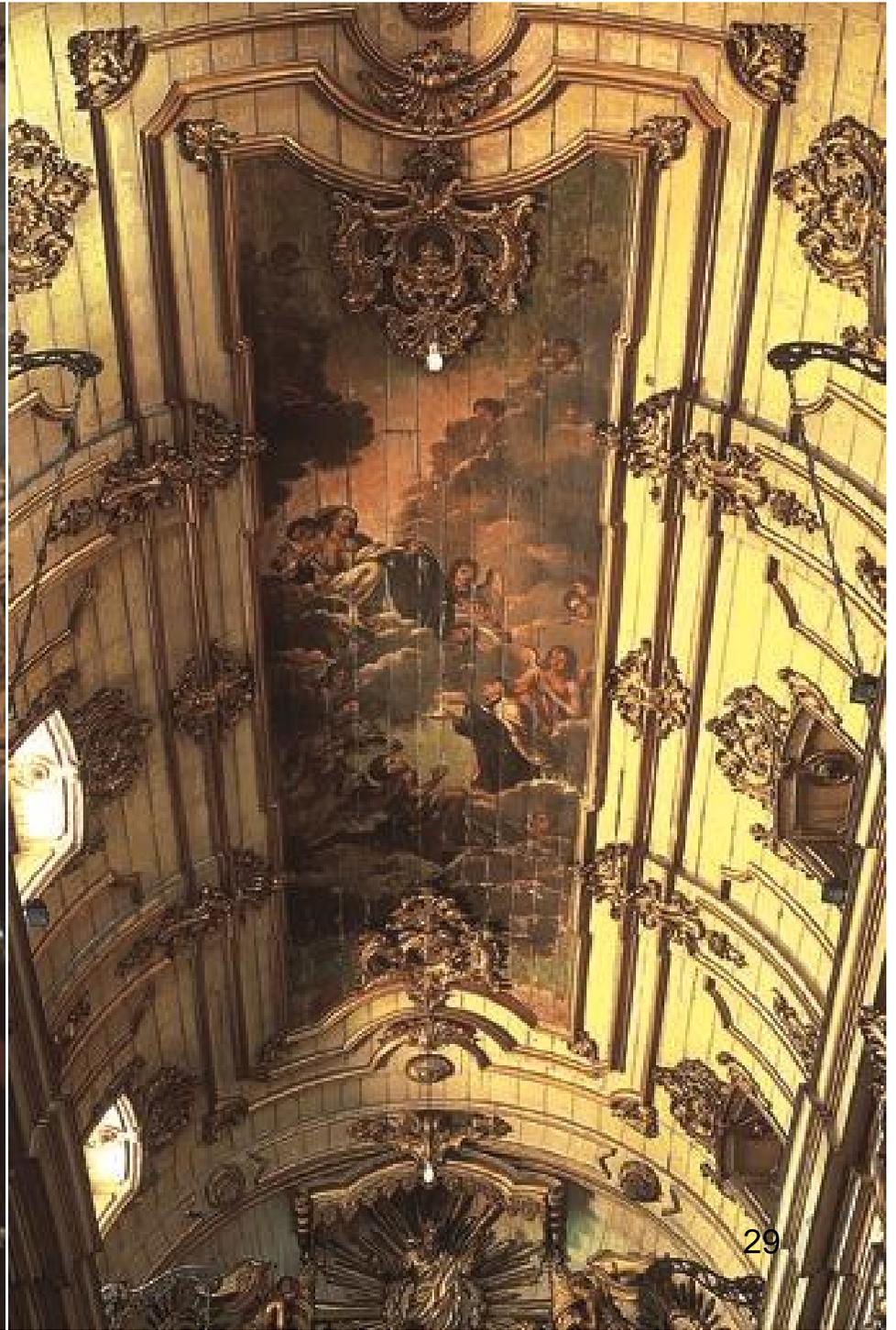
**Igreja da Glória.
José Cardoso Ramalho, 1699.**

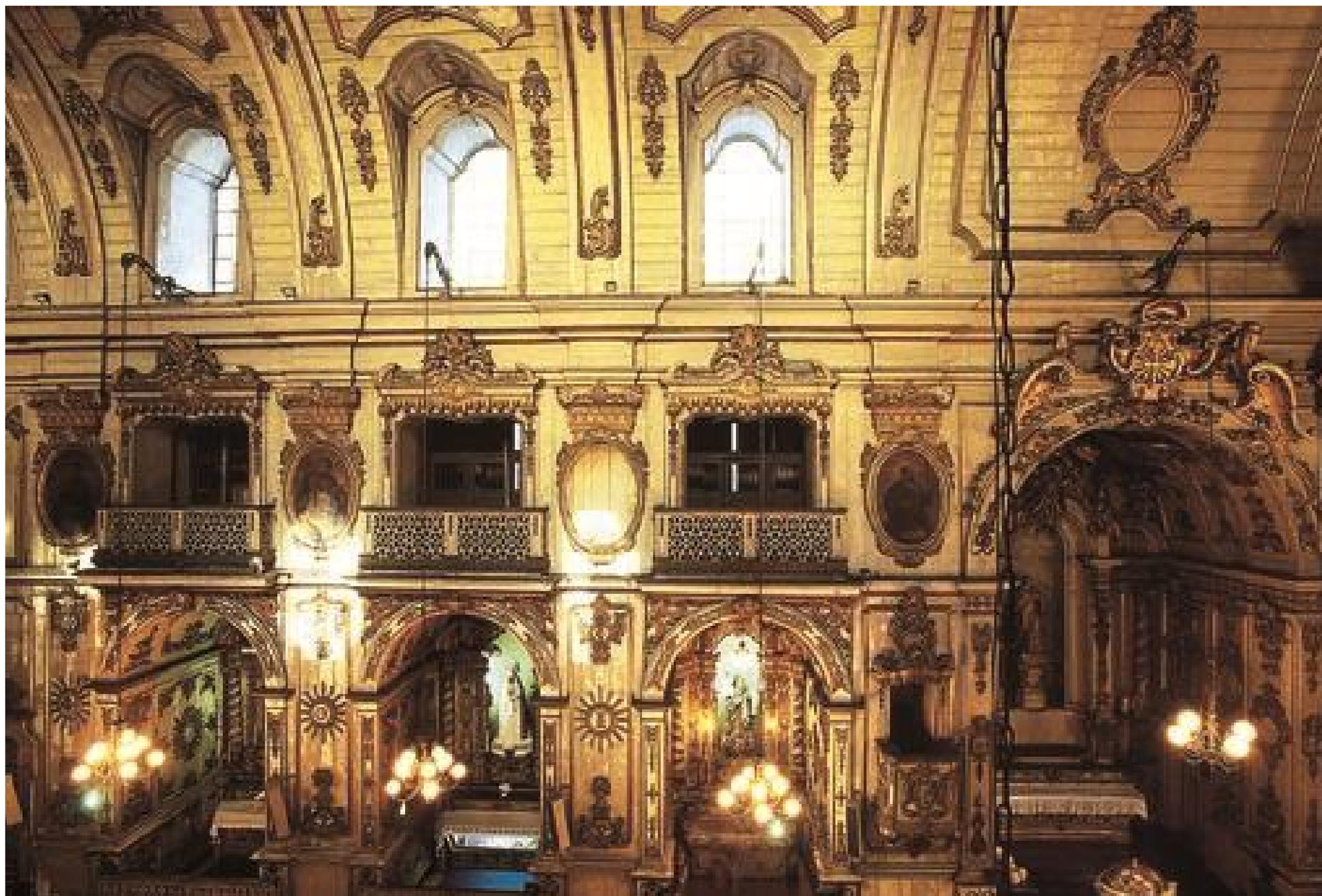


Forma poligonal e torre única inovam
e introduzem as linhas curvas borromínicas

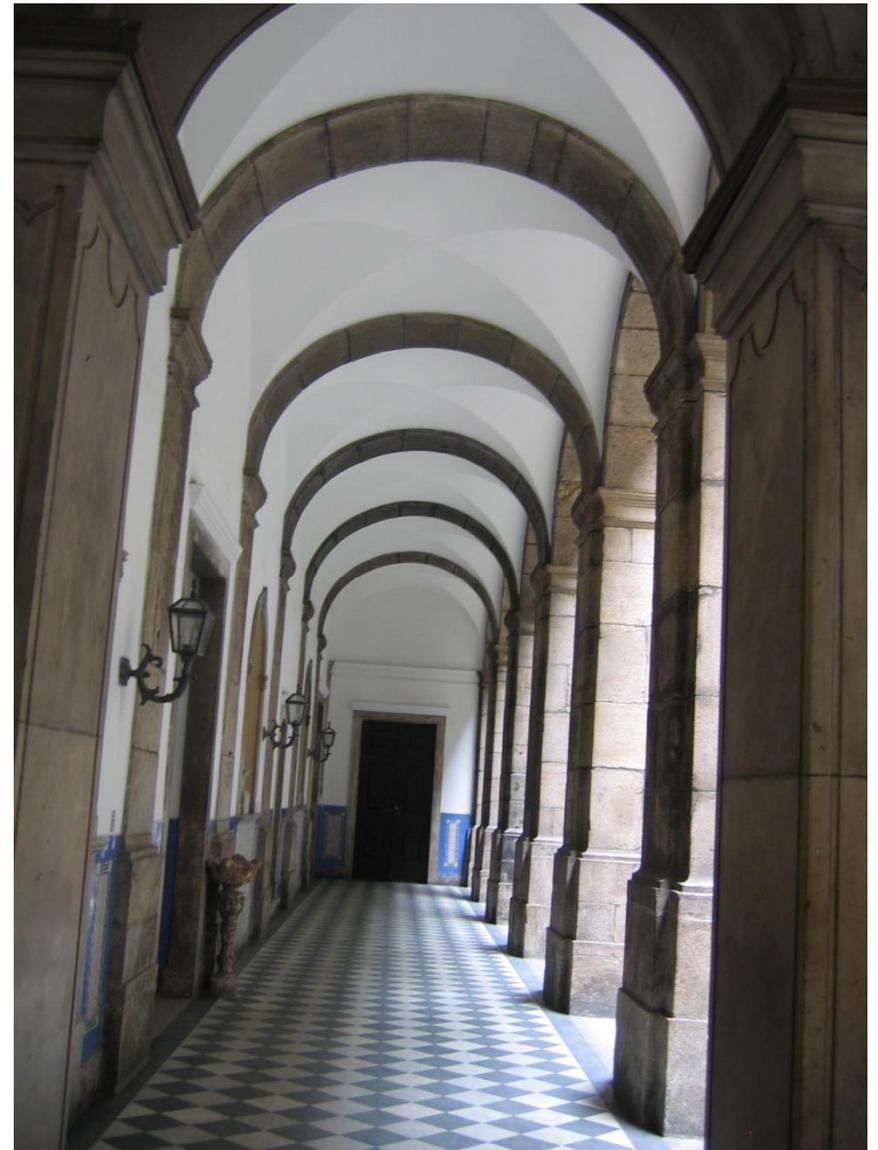


Praça do Paço Imperial e conjunto carmelita
Marc Ferrez, 1890.





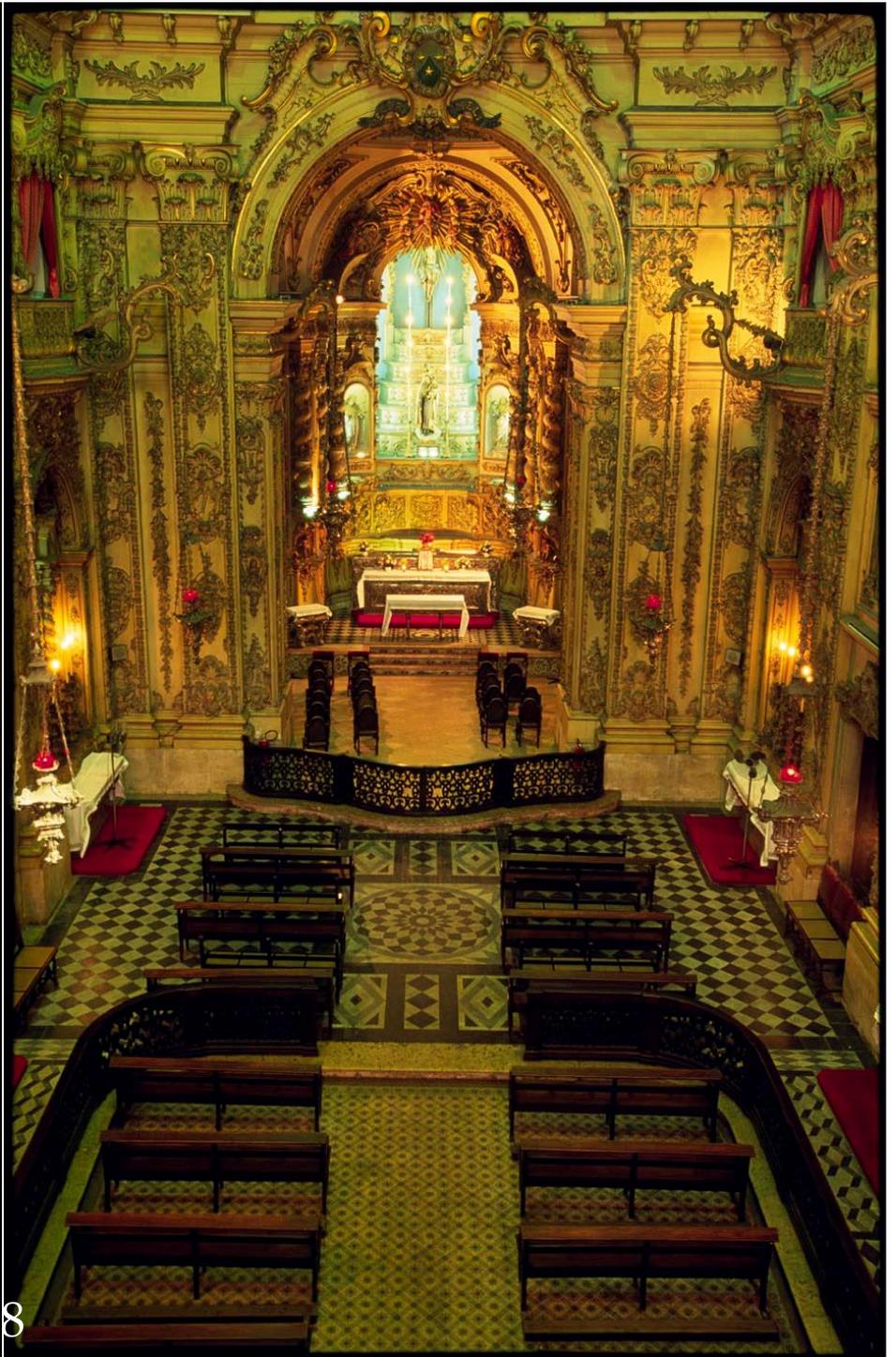
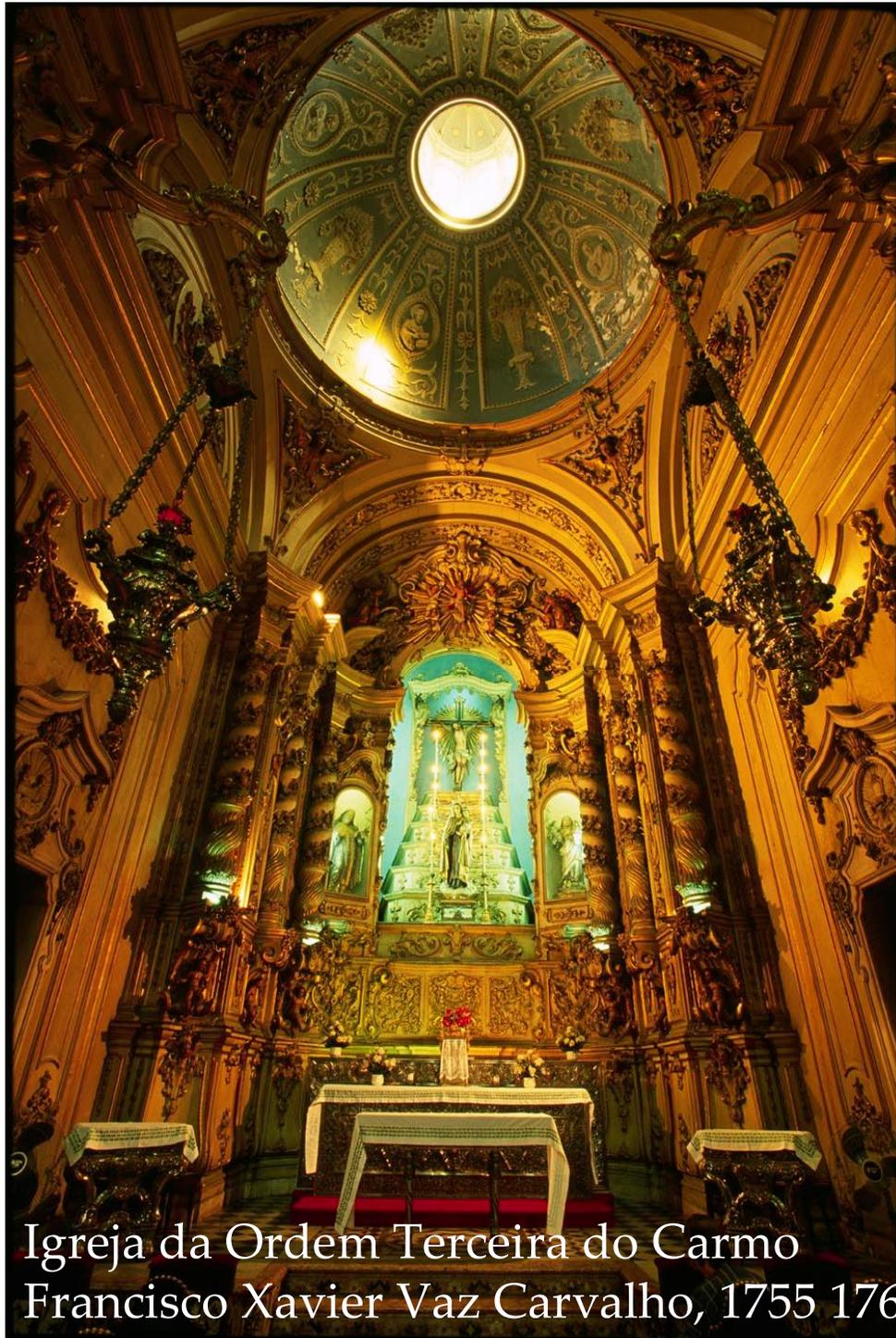
Igreja do Carmo – Capela Real – Marques dos Santos 1761
Entalhes de Inácio Ferreira Pinto.



Ordem Terceira do Carmo



Ordem Terceira do Carmo,
1761



Igreja da Ordem Terceira do Carmo
Francisco Xavier Vaz Carvalho, 1755-1768

Nossa Senhora dos Mercadores da Lapa, 1750.

Beco na rua do Ouvidor.

Vista privilegiada do
que restou do Rio de
Janeiro colonial

A planta curvilínea remete ao
partido da capela de San
Adrea al Quirinale (1658), de
Bernini.







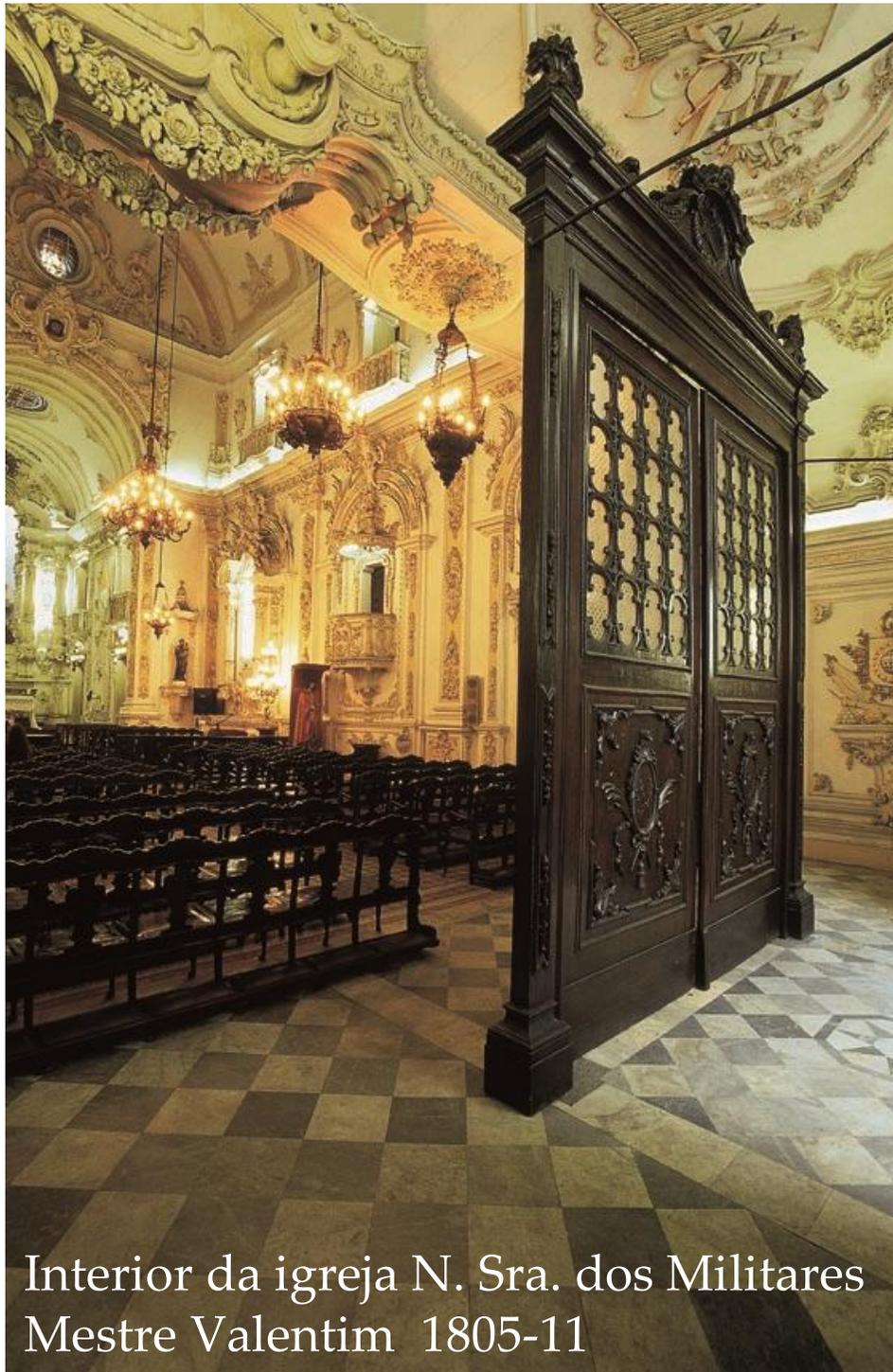
Nossa Senhora da Candelária
Francisco João Roscio, 1775

Símbolo de resistência à destruição
avassaladora do conjunto colonial e imperial

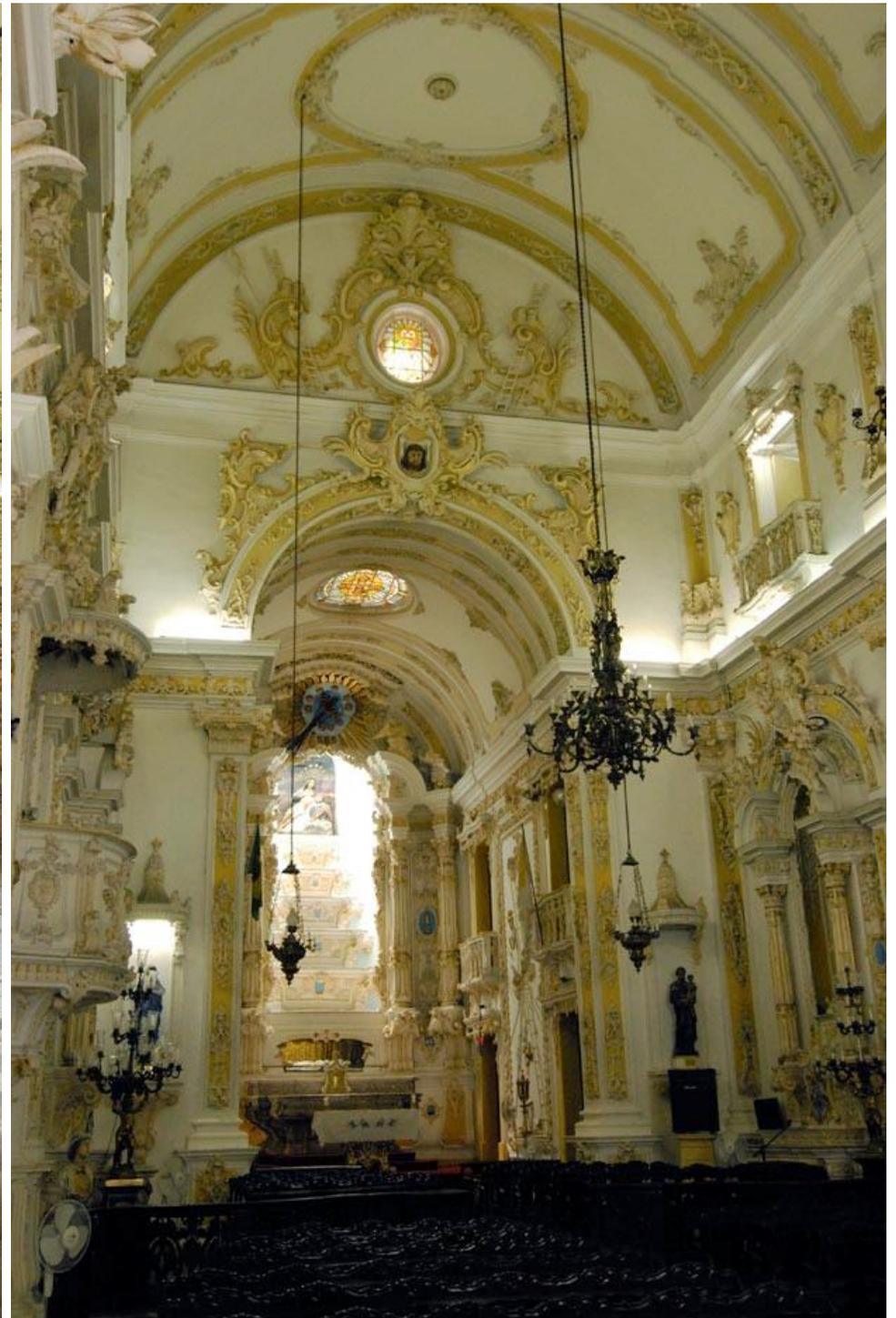




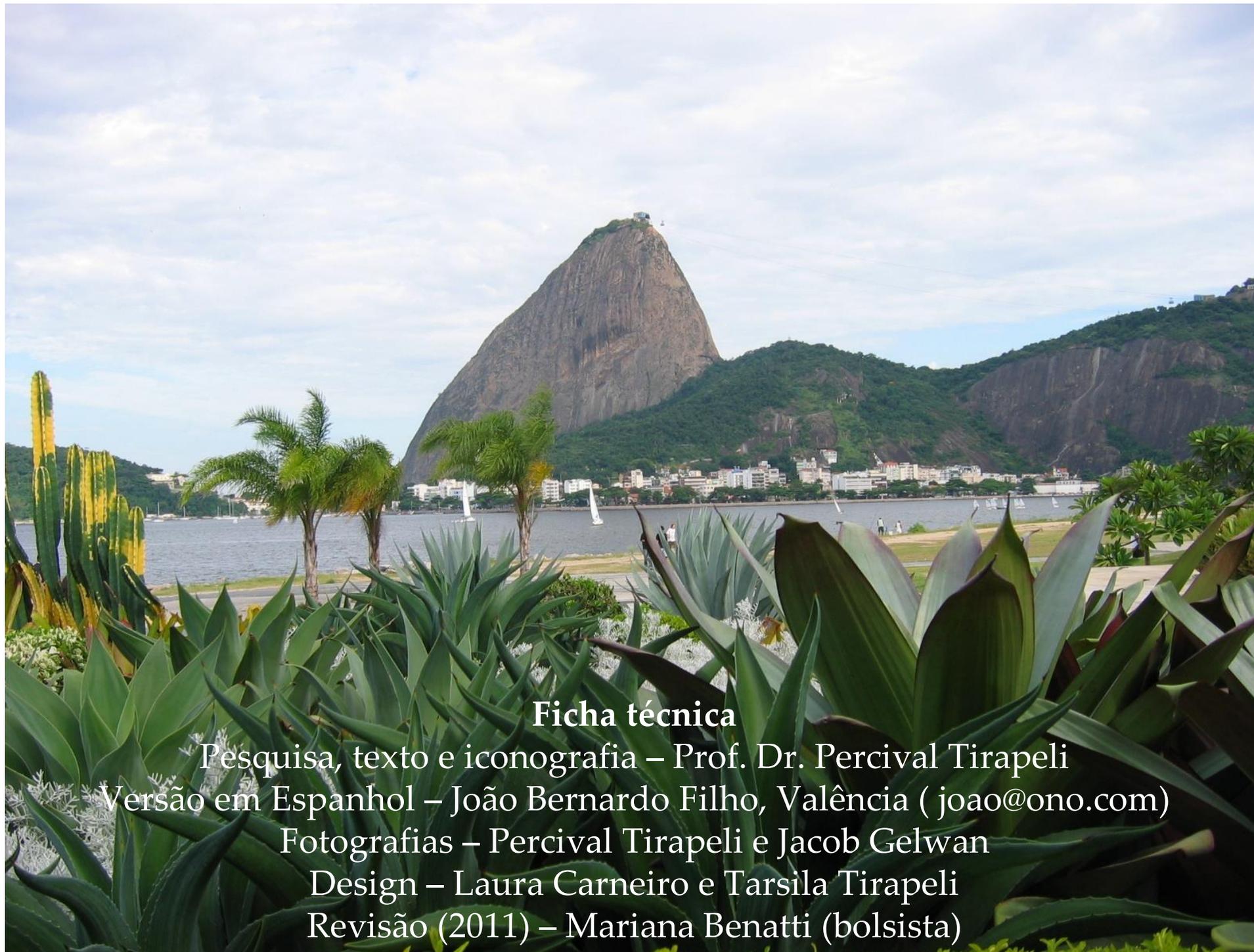
Igreja N. Sra. da Cruz dos Militares
Brigadeiro José Custódio de Sá e Faria 1780



Interior da igreja N. Sra. dos Militares
Mestre Valentim 1805-11







Ficha técnica

Pesquisa, texto e iconografia – Prof. Dr. Percival Tirapeli

Versão em Espanhol – João Bernardo Filho, Valência (joao@ono.com)

Fotografias – Percival Tirapeli e Jacob Gelwan

Design – Laura Carneiro e Tarsila Tirapeli

Revisão (2011) – Mariana Benatti (bolsista)

Percival Tirapeli (1952), é pesquisador e professor livre-docente de Arte Brasileira e História da Arte, do Barroco ao Modernismo, no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, UNESP.

Publicações:

Coleção Arte Brasileira, 5 volumes, 2006.

Igrejas Paulistas: barroco e rococó, 2003

Festas de Fé, 2003, Metalivros.

Patrimônios da Humanidade no Brasil, 2000, Metalivros;

As mais belas igrejas do Brasil, Metalivros, 1999.

Arte Sacra Colonial: barroco memória viva, 2001

